

ESSÊNCIA & FLUXO

TERRA UNA

2026

TERRA UNA 



ESSÊNCIA & FLUXO
/ 2026



ORGANIZAÇÃO EDITORIAL
NADAM GUERRA

CURADORES CONVIDADOS
**BRUNA COSTA
& MATHEUS MORANI**

PRODUÇÃO
DANILO NOBREGA

PROJETO GRÁFICO
CAMIS LEMONDE

IMAGEM DE CAPA E
CONTRA CAPA

OBRA/
**MARIA DE LOS
VIENTOS**

FOTO/
CAMIS LEMONDE

TEXTOS E IMAGENS

**ALINE BERNARDI, ALLISON MOORE,
AMANDA S GEE, BRUNA COSTA,
CAMIS LEMONDE, DANILO NOBREGA,
DEBORAH DECKNES, DIANA GRAÇA,
ELIANE FRAULOB, EVÂNIA DE
PAULA, FERNANDO GODOY,
GABRIELA RIBEIRO PEIXOTO, ALYNE
PRADO, JOAO PEDRO ROSA, KALI,
KAETÉRINE TERRA, LOLA SOL
(PAOLLA MOURA), MATHEUS
MORANI, MARIA DE LOS VIENTOS,
MARIA SANCHES, MARIANA
BATTISTELLI, MARISA FORTUNATO,
MARI FRAGA, MANUELA EICHNER,
NADAM GUERRA, TAUÃ REIS E TODD
LANIER LESTER.**

DESIGN CONVITE
ELIANE FRAULOB

IMAGEM DO CONVITE
OBRA/
**MARIA DE LOS
VIENTOS**

FOTO/
CAMIS LEMONDE

AGRADECIMENTOS
**PUC RIO, SOLAR GRANDJEAN
DE MONTIGNY, CARLOS
EDUARDO FELIX DA COSTA**

EDIÇÃO E REALIZAÇÃO
TERRA UNA E UNIÃO
NATUREZA E ARTE
WWW.TERRAUNA.COM.BR

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL
**NADAM GUERRA
(JOSÉ CARLOS GUERRA
DAMASCENO)**

LIBERDADE, MINAS
GERAIS, 2026
ISBN:
TIPO DE SUPORTE: E-
BOOK: PDF
ARTES. 700
1. RESIDÊNCIA ARTÍSTICA
2. ARTE CONTEMPORÂNEA.
3. PRÁTICAS ARTÍSTICAS

APRESENTAÇÃO	06 & 07
BRUNA COSTA	08 & 09
AMANDA S GEE	10 & 11
CAMIS LEMONDE	12 & 13
DEBORAH DECKNES	14 & 15
DIANA GRAÇA	16 & 17
ELIANE FRAULOB	18 & 19
EVÂNIA DE PAULA	20 & 21
GABRIELA RIBEIRO PEIXOTO	22 & 23
ALYNE PRADO	24 & 25
JOÃO PEDRO ROSA	26 & 27
KALI	28 & 29
KAETÉRINE TERRA	30 & 31

LOLA SOL (PAOLLA MOURA)	32 & 33
MARIA DE LOS VIENTOS	34 & 35
MARIA SANCHES	36 & 37
MARIANA BATTISTELLI	38 & 39
MARISA FORTUNATO	40 & 41
TAUÃ REIS	42 & 43
TODD LANIER LESTER	44 & 45
ALINE BERNARDI, ALLISON MOORE E FERNANDO GODOY	46 & 47
MARI FRAGA	48 & 49
MANUELA EICHNER	50 & 51
NADAM GUERRA	52 & 53
DIA A DIA	54 & 55

ESSÊNCIA E FLUXO COAGULAR E DISSOLVER



Coagular e Dissolver são dois movimentos complementares no processo criativo. Coagular é condensar a experiência, encontrar o núcleo essencial de uma ideia ou substância. É sintetizar, retirar o excesso e revelar a matéria fundamental. Dissolver é acrescentar: água, emoção, relação. É permitir que aquilo que foi encontrado se expanda novamente no mundo e encontre novos caminhos.

Entre esses dois gestos vive a prática artística.

Em Terra Una, o contato com a floresta, a convivência coletiva e a troca entre artistas criam um campo fértil para que cada processo encontre sua própria forma. Desde 2007, cerca de 300 artistas já experimentaram as alquimias deste território.



foto / evânia de paula

Este catálogo reúne trabalhos realizados durante a imersão Essência e Fluxo, na residência Artística Terra Una em Janeiro de 2026 e algumas obras convidadas a compor a exposição Coagular e Dissolver que acontece no Solar Grandjean de Montigny, museu universitário da PUC-Rio, na última semana de março de 2026.

A exposição inclui obras, performance e conversas. Uma pequena coagulação dentro desse fluxo maior. Um momento condensado na trajetória desses artistas. Uma fotografia de processos em movimento, onde cada obra carrega algo da experiência vivida em Terra Una, suas trocas, perguntas e descobertas.

Fica aqui o convite para partilhar este instante em que essências tomam forma antes de seguir novamente seu caminho.

Nadam Guerra

NOTAS SOBRE ESSÊNCIA E FLUXO: EMOÇÃO E COLETIVIDADE

**“[...] AS EMOÇÕES TÊM UM PODER -
E SÃO UM PODER - DE TRANSFORMAÇÃO.
TRANSFORMAÇÃO DA MEMÓRIA EM
DESEJO, DO PASSADO EM FUTURO, OU
ENTÃO DA TRISTEZA EM ALEGRIA.”**

GEORGES DIDI-HUBERMAN

Se fechar os olhos, posso lembrar do som da água. Era o som das cachoeiras, dos riachos, mas também de uma chuva sem fim. Dos pés pisando no chão úmido. Posso lembrar do silvo da concha anunciando um chamado. O grito “conchaaaaa”. Algumas risadas. As canções cantadas juntos. O murmúrio nas refeições. Nos olhos, a lembrança das montanhas que nos cercavam. De caminhar lento e encontrar pequenas arquiteturas, dos humanos ou dos cupins. Ao fim do dia, um absoluto breu. Nos pés, uma ou outra dança, inebriadas de chá de canela e pimenta rosa.

Dispersos ali, formávamos um organismo; pontos focais nos ancoravam ao todo, mas se conservavam as missões individuais: *o trabalho* a ser produzido e finalizado. Preocupação legítima que não nos deixava esquecer em que se tratava de uma residência artística, mas sem perder o encanto e a leveza.



Todo canto que mirava, tinha alguém curvado sobre uma mesa, mexendo nalgum material, em silêncio, parando apenas vez ou outra para atender aos nossos rituais oraculares. Passamos por cada uma dessas pequenas oficinas como peregrinos curiosos, quebrando com cuidado o silêncio do labor, adentrando esses universos. Por vezes, me perguntava o que eu tinha para oferecer, já que quem estava com a mão na massa, tão imersos em suas buscas, eram elas e eles. Mas esses artistas nos ofereceram uma porta aberta com uma generosidade que não pudemos recusar, e as trocas que realizamos costurou pequenos laços e pontes que foram talvez o ponto-chave de toda a residência - não apenas entre artistas e curadores, mas deles entre si, deles com a floresta, deles com a própria essência.



Apesar de tanta dedicação aos seus ofícios particulares, a dimensão do trabalho coletivo marcou “Essência e Fluxo”. Pequenos grupos se conectavam conforme as afinidades, mas também mudavam de composição conforme a necessidade e disponibilidade: num momento um participante era o centro da mobilização; noutro, trocava-se de posição. Muitas mãos auxiliando em muitos trabalhos. Alguém coleta algo na floresta e lembra de um dos companheiros. O bom de ser espectador é poder acompanhar esse tipo de magia coletiva acontecer, materializando-se nos trabalhos que hoje compõem a exposição. Em arte, se faz de tudo, mas não se faz sozinho.

Um dos prováveis motivos para essa força coletiva foi a necessidade do trabalho com o corpo. Presenciamos algumas performances, todas de primeira leva para suas autoras. Porque elegeram um meio inédito para elas, é difícil dizer. Algo nas montanhas mágicas talvez nos conecte com um sentimento tão imediato que a matéria pulsa e o corpo se libera, cria urgência de fazer algo para canalizar os desejos, os atravessamentos. Seus corpos mergulharam na terra, nas folhas, nas águas. E novamente a coletividade trouxe suporte e presença para toda plasticidade buscada. O emprego do corpo se fez presente não só nessa linguagem, mas em muitas outras: nos vestígios deixados pelo gesto, na força do trabalho escultórico, na transformação espacial dos site-specific - em todo processo que o corpo labuta ao longo desses quase 20 dias de imersão.

E os afetos que emergiram. Pareciam necessários braços para conter o esforço e a emoção. Um pathos incontornável, borbulhante em meio a um mergulho intenso dentro de si. Didi-Huberman considera que a emoção não é sentimento individual e passivo, mas informa uma pulsão coletiva que tem potencial de se transformar em ação. Entre diversas materialidades, há o desejo coletivo que impulsiona esses seres desejantes, a vontade de transcender a individualidade e entregar suas criações ao mundo. Que o oráculo nos revele os caminhos.

Bruna Costa

PSICOMAGIA COLETIVA: TUMULO DE MEMÓRIAS E ÁRVORE DOS DESEJOS

Amanda S Gee

Realizei esse trabalho com a intenção de fazer uma pesquisa acerca do ato psicomágico. Meu campo de atuação envolve a mescla da psicologia com as movimentações do inconsciente. A proposta consistiu em reunir um grupo para a realização de um ritual de psicomagia na floresta, ocorrido no dia 20 de janeiro, dia de Oxóssi, orixá das matas e da fartura. Pedi para que todos escrevessem, em papéis picados, coisas que gostariam de exterminar de suas vidas. Feito isso, enterramos os papéis dentro de uma cova, que foi cavada anteriormente por cada um. O simbolismo é a riqueza do inconsciente: é por meio do símbolo que conteúdos reprimidos encontram expressão.



A intenção de pesquisa nesse ritual vem da curiosidade, enquanto psicóloga e artista, de compreender o mundo onírico e mágico em correlação com a mente e o ato. É possível modificar o externo a partir de ações? Que critério delimita a dimensão oculta entre o dentro e o fora?

Todos temos coisas das quais queremos nos livrar, e a ação coletiva potencializa o ato do desejo. Esse primeiro ato foi chamado de Túmulo de Memórias, um gesto de catarse e purificação. Logo após, caminhamos um pouco mais para dentro da floresta para realizar o segundo ato, que intitulei de Árvore dos Desejos. Inspirado em tradições antigas que enxergam as árvores como seres sagrados e mediadores do mundo metafísico, convoquei todos a sussurrarem seus desejos no pé de uma árvore previamente consagrada. Em pequenos grupos, cada um teve seu próprio tempo para comunicar seus sonhos e entregá-los nas mãos de algo maior, ativando o imaginário.

Creio que o movimento exista a todo instante e só precise de espaço para se manifestar. Comunicar ideias, sonhos e desejos e ritualizá-los no cotidiano é compreender que estamos também no poder de materialização, afinal, somos um com o mundo externo.



NÓS DE SANGUE

Camis Lemonde

**A família, o trauma e a criança.
Todo o passado passado vive
em nós, percorre nosso corpo
pelas veias, com o coração que
bombeia a vida e embaralha as
emoções.**

Sangue que passa do coração para o pulmão, do pulmão para o restante do corpo, sangue condutor de sorriso, cor, rosto e cabelo, trauma e dor, tudo ali, nesse veículo de vida, passado de geração em geração. Até a mim, que fecho a cicatriz e os vasos por onde a seiva permite ramificações de novos galhos e enterro as raízes, doando com amor o que cresceram em falta.



fotos / mariana batistelli



[1] *Nós de Sangue*

[2] *Performance, ação presencial / Materiais:*
Corpo da artista, tinta de terra, corações de boi,
velas, milho, alecrim, flores, mel, pena e água de
cachoeira

[3] *Fotos por: Mariana Battistelli*

A performance *Nós de Sangue* investiga a materialização de afetos e traumas hereditários através de objetos simbólicos. O corpo atua como mediador na integração de processos emocionais e na reconfiguração dos laços familiares.

REGISTRO SENSORIAL S/T TERRA UNA Deborah Decknes (22°07' S / 44°19' W)/(08-25.01.2026)

"O TEMPO NÃO É UM PROCESSO REAL,
UMA SUCESSÃO EFETIVA QUE EU ME
LIMITARIA A REGISTRAR. ELE NASCE DE
MINHA RELAÇÃO COM AS COISAS."

MAURICE MERLEAU-PONTY

Sempre tive a sensação de que o compasso do tempo se altera conforme o território. De aldeias indígenas na Amazônia brasileira a metrópoles como Pequim, cada lugar parece instaurar um ritmo próprio de experiência, revelando o tempo não como medida abstrata, mas como dimensão vivida, moldada pela relação entre corpo, ambiente e consciência.

A física já nos ensinou que o tempo não é absoluto: ele é relativo, inseparável do espaço, tecido num campo dinâmico que se curva conforme as forças que o atravessam. O que me interessa investigar é como essa dimensão se manifesta na experiência perceptiva, no instante em que o tempo físico se torna tempo vivido.

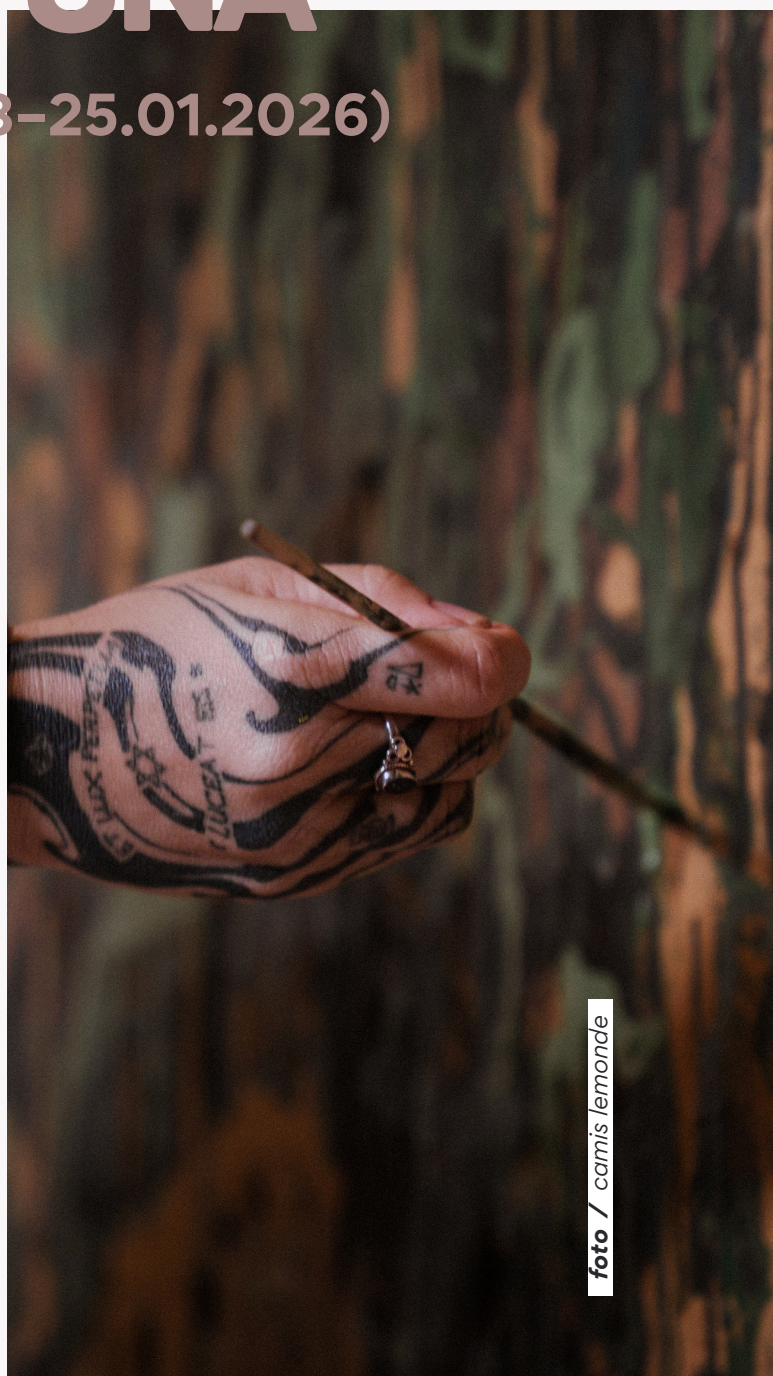


foto / camis lemonde

É nesse ponto que Merleau-Ponty e Donald Hoffman se encontram, por caminhos distintos, numa questão comum: o que é o real que percebemos? Para Merleau-Ponty, a percepção não é uma representação objetiva do mundo, mas uma participação direta em seu tecido. O corpo não observa a realidade de fora, ele a habita e se constitui com ela. Já Hoffman propõe que jamais acessamos a estrutura objetiva do real: construímos interfaces perceptivas, traduções funcionais que nos permitem agir no mundo sem necessariamente revelá-lo tal como é. As duas perspectivas, juntas, sugerem que aquilo que chamamos de experiência é sempre uma co-criação entre sujeito, corpo e ambiente.

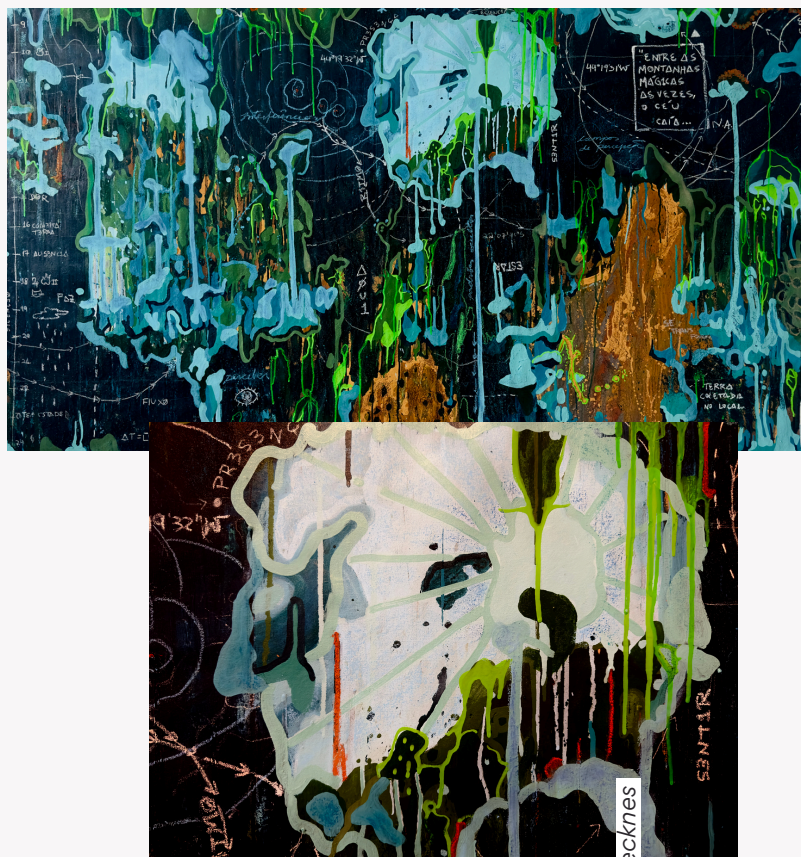
É a partir dessa tensão produtiva que surgem os registros sensoriais, investigação artística iniciada durante residência na Ecovila Terra Una, em janeiro de 2026. O primeiro registro nasce da imersão naquele território: seus ritmos, sua luz, sua matéria.



foto / camis lemonde

[1]Registro Sensorial S/T Terra Una (22°07' S / 44°19' W)/(08-25.01.2026)

[2]Pintura/ 112 cm x 200 cm / tinta acrílica, tinta de terra e giz óleo



fotos / deborah decknes

A pintura resultante não pretende representar uma paisagem. Com tonalidades de azuis e verdes e fluxos orgânicos, ela busca inscrever a experiência perceptiva em sua própria duração, o tempo de estar ali, de sentir o ambiente agir sobre o corpo. A incorporação de terra coletada no próprio território radicaliza esse gesto: o solo deixa de ser referência e torna-se presença. O território passa a agir como coautor da imagem, deslocando a obra do domínio da representação para o da constituição mútua entre matéria e percepção.

Nesse sentido, a obra opera como interface, não no sentido de uma tela que separa, mas de um limiar que conecta. Um espaço onde experiência, matéria e consciência se encontram, e onde o tempo vivido deixa seu rastro visível.

MEU
CAMINHO
EU ABRO,
MEU
CAMINHO
EU
SUSTENTO
ROMPI O
SILÊNCIO
RECEBO O
CAMINHO,
RECEBO
DO
CAMINHO

Diana
Graça

Rompi o silêncio das entranhas
úmidas da Terra
abri caminho no tempo...
antes da folha ser semente
da raiz devorar o mistério
Ouvi a troca de pele da serpente
e bebi da suculência da
transformação
Nas minhas veias, o sangue é
seiva pura
líquido vivo que me faz farejar a
vida com gozo
me faz morder a vida com
desejo de folha
Não ando só, nem me desfaço
Meu corpo recebe o poder da
floresta, da boca das raízes
dessa árvore anciã
Meu corpo todo é vivo
Meu encanto atravessa o sopro
das palavras
revela a beleza da Terra
A leveza me veste, a profundidade
me ensina, a firmeza da folha é
meu rezo





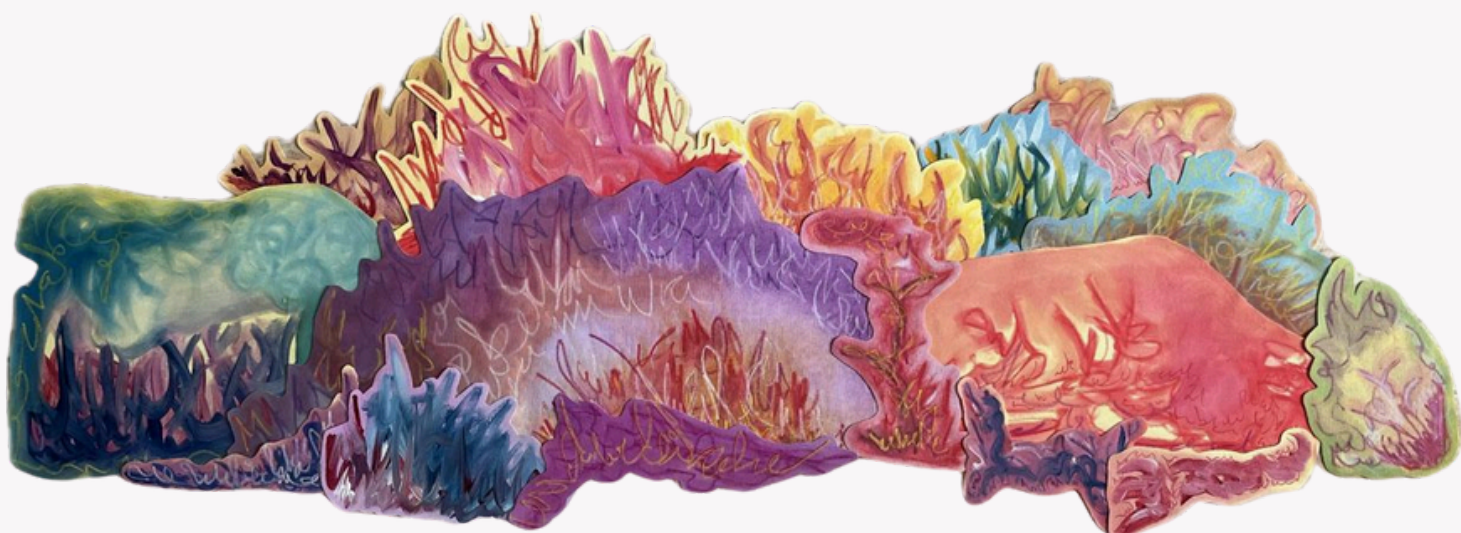
foto / camis lemonde

A poesia no corpo, a poesia na, da, com a floresta abrindo caminho para romper o silêncio. Não o silêncio sábio, mas aquele que engole a voz do gozo, a voz da vida no corpo. Com cajado feito de bambu e facão empunhado na bainha feita de papelão, segui o rio, reabri o caminho até encontrar a árvore Jatobá anciã, até ser encontrada por ela. Pedindo licença para a floresta, reverenciando Oxóssi, Ossaim, acompanhada por Oxum. Exu iniciou o movimento para chegar o axé. Sozinha, mas acompanhada sempre!

e esperava, as folhas me davam força. Assentou-se altar com artemísia, folhas, e cachimbo sagrado. As palavras ainda no corpo se mexiam com o vento nas folhas, mas era preciso romper o silêncio colocando a voz a caminho do corpo todo. Movendo os quadris, sentindo os pés na terra, respirando com a vontade das folhas, expurgando os medos e vergonhas de me mostrar em estado de vida! O silêncio se rompe, o corpo transborda dentro e fora, a poesia libera caminho. Palavras, gestos, sons - o corpo e a floresta movem juntos a voz de reencantamento. Incorporação da voz da vida no espaço do tempo ouvido aqui - agora.

HABITAR O MATO / GERMINAR IDEIAS

**Eliane
Fraulob**



Viver o barulho da natureza é, hoje, um privilégio raro. Estar imersa na mata e, ainda assim, perceber o farfalhar quase silencioso dos corpos artistas que ali conviviam foi uma experiência ao mesmo tempo concreta e onírica. Em Terra Una, habitei o mato e permiti que ele também me habitasse.

Entre árvores, umidade e terra viva, deixei que o processo criativo fosse orientado pelo que estava ao alcance das mãos. O gesto encontrou seu próprio curso, atravessando telas, papéis e esculturas. Trabalhei com o que havia: matéria, tempo, escuta. Criar tornou-se menos imposição e mais estado de presença.



Trilhei diferentes rumos, experimentei desvios, acolhi o inesperado. Como um rizoma, a experiência expandiu-se em múltiplas direções, conectando prática e convivência, paisagem e pensamento. As relações construídas nesses dias - feitas de troca, silêncio e partilha - tornaram-se parte indissociável do trabalho.

Saio dessa vivência com a sensação de ter germinado junto à terra. Habitar o mato foi reconhecer nele uma força contínua de transformação. Germinar, afinal, é confiar que algo cresce, mesmo quando ainda não se vê.

[1]Chão em brasa (2026)

Acrílica e pastel aquarelável sobre tela colada em foam board mdf revestido com massa fria
48 x 133 cm

[2]Corredor (2026)

Lápis aquarelável, multicolorido e dermatográfico sobre massa fria
20 x 33 cm

[3] O entorno do sol (2026)

Lápis aquarelável, multicolorido e dermatográfico sobre massa fria
21 x 18 cm

SÉRIE: POÉTICAS DE RECONEXÃO

Evânia de Paula

Viver o barulho da natureza é, hoje, um privilégio raro. Estar imersa na mata e, ainda assim, perceber o farfalhar quase silencioso dos corpos artistas que ali conviviam foi uma experiência ao mesmo tempo concreta e onírica. Em Terra Una, habitei o mato e permiti que ele também me habitasse.

Entre árvores, umidade e terra viva, deixei que o processo criativo fosse orientado pelo que estava ao alcance das mãos. O gesto encontrou seu próprio curso, atravessando telas, papéis e esculturas. Trabalhei com o que havia: matéria, tempo, escuta. Criar tornou-se menos imposição e mais estado de presença.



*Natureza como corpo, 40X60 cm, Pintura à óleo.
Sob o olhar da lua, 40X60cm, Pintura à óleo.*



Trilhei diferentes rumos, experimentei desvios, acolhi o inesperado. Como um rizoma, a experiência expandiu-se em múltiplas direções, conectando prática e convivência, paisagem e pensamento. As relações construídas nesses dias - feitas de troca, silêncio e partilha - tornaram-se parte indissociável do trabalho.

Saio dessa vivência com a sensação de ter germinado junto à terra. Habitar o mato foi reconhecer nele uma força contínua de transformação. Germinar, afinal, é confiar que algo cresce, mesmo quando ainda não se vê.

BEIJA-FLOR DE FOGO

Gabriela Ribeiro Peixoto

A Beija-Flor de Fogo nasce da Arte como Travessia, em um exercício encarnado de soberania simbólica, onde conceitos que há muito me habitam ganham corpo, gesto e respiração. É expressão do desejo e da decisão de estar em relação criativa com a Vida. Invoca a energia vital que me atravessa e reinaugura símbolos como resistência às forças de um "sistema-mundo" que capturam desejo e imaginação. A máscara nasce como gesto simbólico dessa incorporação e a "Vida Cheia de Vida" que essa entidade ancora afirma a criação como prática de liberdade e mobiliza Fogo Vital que se acende e se expande nas relações, convocando outros corpos, num agir-estar que reconhece que criar é também desenhar condições de encontro consigo e com o mundo. Esse fogo encontra corpo. Então eu acordo. Respiro. Estou aqui.





Beija-flor de Fogo

Performance com máscara autoral e texto-manifesto

Máscara escultórica: papelão + colagens figurativa + aplicação de folhas de eucalipto como penas

Dimensões da máscara: aprox. 30cm x 30cm

vídeo-performance (00:07:26)

2026

Colaboradores: Fotografia: Mariana Battistelli

Registro em vídeo: Mariana Battistelli Figurino:

Gabriela Ribeiro

Edição: Mariana Battistelli Parcerias / apoio: Maria

Sanches, Maria de Los Vientos, Evania e corpo

coletivo de artista Terra Una

O que guia meus dias é o que alimenta a chama que me mantém viva. Crio. Escolho. Dou sentido. Autorizo e investigo o desejo. Quem sonha meus sonhos? Retomo minha conexão com a fonte. Dou passagem ao que me incendeia. Incorporo a vida em meus pulsos criativos. Sou cúmplice da Vida que flui em mim. Rompo as barreiras do medo de ser. Respiro fundo, mais uma e outra vez. Firmo os pés no chão. Relaxo ombros e quadril. Solto o maxilar. A boca entreaberta sussurra em meus próprios ouvidos: Já é. Deixa ser. Abre espaço. Experimenta. Toca o sonho. Desenha. Escreve. Dança. Significa. Questiona. Des-cobre. Deixa ser visto. Cria! Como gesto de produção de si.

AQUILO QUE CONTÉM

Alyne Prado



Apreendi a fazer crochê ainda na infância, como parte de um saber transmitido entre mulheres — de mãe para filha — e ligado ao sustento da família materna.

Durante muitos anos, produzi objetos utilitários: roupas, almofadas e outras peças destinadas ao uso cotidiano. Até então, porém, nunca havia experimentado o crochê como campo de investigação artística.

Ao deslocar essa prática para o contexto da experimentação estética, encontrei desafio e conforto ao mesmo tempo: por um lado, a familiaridade com a técnica oferecia segurança; por outro, sua transposição para o território escultórico exigiu novas decisões formais e conceituais, abrindo caminhos inesperados de pesquisa.

As condições proporcionadas pela residência artística em Terra Una tornaram possível o reencontro com essa técnica. A escassez deliberada de material — apenas dois novelos de linha número 8 — transformou-se em elemento estruturante do processo. A necessidade constante de desmanchar e refazer o trabalho deixou de ser um obstáculo para tornar-se procedimento poético, instaurando um ciclo contínuo de construção, apagamento e recomposição.

A repetição regular do ponto baixo (pb), associada a esse movimento reiterado, conduziu à criação da obra *Aquilo que contém*, título que opera como definição aberta para um processo que reúne múltiplas camadas, visíveis e invisíveis, materiais e afetivas.

O percurso escultórico em crochê, entretanto, não se encerra nessa peça. O exemplar integra um conjunto mais amplo de máscaras — atualmente em desenvolvimento — que investiga as relações entre corpo, abrigo e transformação, constituindo um trabalho em contínuo processo de concepção e produção.



YALODÊS SEREIAS, UM ENCONTRO DE RIOS E MARES

João Pedro Rosa

A obra Yalodês sereias: um encontro de rios e mares integra um processo que foi além de pesquisa e de estudo pictórico, constituindo-se como um marco de transformação e renovação na prática e na construção das minhas obras.

Terra Una foi um convite que transcende o que uma residência comum oferece. Para além da estrutura física, o espaço possibilitou uma imersão profunda no meu processo criativo, conduzindo-me a um novo estado de consciência ao longo de toda a vivência. As oficinas, rodas de meditação, partilhas e idas à cachoeira foram momentos únicos que ancoraram e contribuíram para o desenvolvimento e consolidação do meu trabalho, que tomou forma em meio às montanhas da Serra da Mantiqueira.





Yalodês sereias é um trabalho que exalta essa força ao representar a força de duas Yabás (Orixás de energia feminina) com Yemanjá à direita e Oxum à esquerda. A pintura híbrida é um pequeno fragmento da tamanha força que pude sentir e vivenciar ao estar em Terra Una. A pintura em si traz uma alusão direta a imagem popularizada no Brasil com a capa do romance Torto Arado, inspirada em uma fotografia de Giovanni Marrozzini, em sua série chamada “Nouvelle Semence - Camerun, 2010”.

*Yalodês sereias, um encontro de rios e mares
Tinta óleo, cerâmica fria, miçangas e lantejoulas sobre tela,
80 x 50 x 2,5 cm*

Ao representar duas mulheres africanas associadas às Orixás, proponho uma releitura que vincula a realidade ao sagrado das tradições de matriz africana, criando assim uma iconografia da realidade representada na foto através de uma nova imagem e possibilidades de leitura, enaltecendo nossas forças com o sagrado.

CORPO D'ÁGUA Kali



foto / camis lemonde

As obras apresentadas em Terra Una emergem de um processo físico, intuitivo e profundamente sensorial. A pintura acontece no contato direto com o suporte, tecido livre, sem a tensão da moldura, permitindo que o gesto se expanda com liberdade. O trabalho começa no chão, onde corpo e matéria dialogam sem hierarquia, e cada marca nasce da relação entre impulso e escuta.

A tinta é lançada, espalhada com as mãos, absorvida e devolvida pelo tecido. Há momentos de densidade e outros de transparência; camadas que se sobrepõem, escorrem e se misturam. O azul aparece como fluxo e respiração, evocando água e amplitude. Os tons terrosos afirmam peso e raiz, criando contraste e equilíbrio. Entre esses campos de cor, surgem pausas, vazios ativos que organizam o ritmo da composição.



Corpo d'Água
2025
150 x 150 cm
Acrílica sobre tecido

O processo valoriza o acaso como parceiro. O erro se transforma em caminho, o excesso em textura, a mancha em território. Cada obra carrega vestígios do tempo: sobreposições, apagamentos e memórias do gesto anterior. Não há busca por representação literal, mas pela construção de paisagens sensíveis, onde matéria e emoção se encontram.



CARNE

CHANCE TO FLY. CHANCE TO CRY.
HABILIDADE DE PENSAMENTO. APREN-
DER A HABILIDADE DO RISCO INCES-
SANTE EM ESTAR VIVA. MAIS VI-
VA QUE O NORMAL. SEM SER
O CONTRÁRIO DA MORTE. A INC-
ORPORAÇÃO DA MORTE NO CAMINHO
NUMA PONTE NÃO LINEAR.
ALIÁS UMA QUE PASSE POR DENTRO
D'ÁGUA, PELO AR, VOLTE N'ÁGUA
ATÉ COMPLETAR A TRAVESSIA.
DO OUTRO LADO PODE ATÉ DESCAN-
SAR, MAS O MOVIMENTO CONTI-
NUA. ROTO PIA NO AR PEITO
BOZBOLETA. ABRAÇA O CAOS PA-
RA BRINCAR DE HARMONIA.
O RITMO É INCESSANTE CONTÍNUO
COMO A MAIS PURA VIDA NO
BREU DA MATA. MINHA CONCIÊN-
CIA COMO INSETO QUE PISCA O
ESCURO E VOLTA A REINTEGRAR.
SÓ PASO. SÓ PAPO MEDIANTE UM
GRITO UMA RISADA. PECULIAR
SEM INSINUANDO O PERIGO SO-
MÁS HUMANO DO ESCONDIDO
SUBJETIVO MAIS VISÍVEL.
MAIS RÍSSÍVEL. EM CAMADAS TU-
BULARES CONCENTRA UM A VIBRA-
ÇÃO INTERINA PÓS-NUCLEAR
DE MICRO EMBRÍONS E MACRO
IMAGENS CONTINENTAIS.



E NUNCA
R UM LA
DEFOUOU
DE PRESE
ESPERAR.
TAR O TE
NO ETIQU
DE UMA M
RIA QUE
MINHA. VA
DA PROPR
DA EIGID
TELE OTUAL
CONTU GÃO
TANGA DE
ELÉTRON
OUTRO. D
REDE DE
CINQUE.
DELA.

CARNE

Kaetérrine Terra

a chance to fly. a chance to cry.
habilidade de pensamento.
aprender a habilidade do risco
incessante em estar viva. mais
viva que o normal. sem ser o
contrário da morte.

FÍDAGO. FIO DA GONIA. FIO DA GOSMIA.
FÍDA. VIDA. FIO DA VIDA. FILTRO INCESSANTE.
REPITO NADA CESSA. TUDO FLUI NUMA BATIDA
INOCULAR. INVISÍVEL SENSÍVEL. EM DIAGRAMA
SÚTIL. RESPIRO EM TUDO. VIVO TUDO E
ATRAVÉS DE TUDO. NÃO HÁ ESPERANÇA SEM

ESPERA. COMO CRIANÇA QUE
NÃO QUER CRESCER. ADULTO
QUE NÃO QUER MORRER. NA VIDA
INFINITA. ESPERANÇA E
NÃO DESESPERO. NUNCA ME
DEPRIMI. O QUE EU ACHAVA
SER DEPRESSÃO FOI O CON-
VENCIMENTO ALHEIO DE
QUE A VIDA NÃO ERA O
MAIS PURO VIVER. A ABERTURA
QUE SE DÁ DENTRO DE
UM SER AO PERCEBER QUE
VIVER É UM TANTO
IMORAL. VIVER É ABRIR E



MAIS QUERER FECHAR. SOPRAR

UM LAÇO ESQUECIDO QUE SE

AFROUXOU. NA DECISÃO

DE PRESENTEAR

CONQUISTAR

O TERRENO

ESQUECIDO

DE UMA

MEMÓRIA

QUE NÃO É

MINHA. VAI

ALÉM DA

PROPRIEDADE

NA RIGIDEZ

INTELLECTUAL.

DA CONDUÇÃO

ESPONTÂNEA

DE UM

ELÉTRON

A OUTRO.

ALÉM DA

REDE

DE

ELETRICIDADE.

ATRAVÉS DELA.

o ritmo é incessante contínuo como a
mais pura vida no breu da mata.
minha consciência como inseto que
pisca o escuro e volta a reintegrar. só
passo. só falo mediante um grito. uma
risada. peculiar som insinuando o
perigoso mais humano do escondido
subjetivo mais visível.

em camadas tubulares concentra
uma vibração interina pós-nuclear de
micro explosões e macro explosões
continentais.

fidago. fio da gonía. fio da gosma.
fida. vida. fio da vida. filtro incessante.
repito: nada cessa. tudo flui numa
batida inocular. invisível sensível. em
diagrama sútil. respiro em tudo. vivo
tudo e através de tudo.

não há esperança sem espera. como
criança que não quer crescer. adulto
que não quer morrer. na vida infinita:
esperança e não desespero. nunca
me deprimi. o que eu achava ser
depressão foi o convencimento
alheio de que a vida não era o
mais puro viver. a abertura que se dá
dentro de um ser ao perceber que
viver é um tanto imoral. viver é abrir e
nunca mais fechar. soprar um laço
esquecido que se afrouxou.

na decisão de presentear: esperar
conquistar o terreno esquecido de
uma memória que não é minha. vai
além da propriedade na rigidez
intelectual. da condução espontânea
de um elétron a outro. além da rede
de electricidade. através dela.

COMER LA TIERRA PARA VOLVER A LA TIERRA

Lola Sol (Paolla Moura)

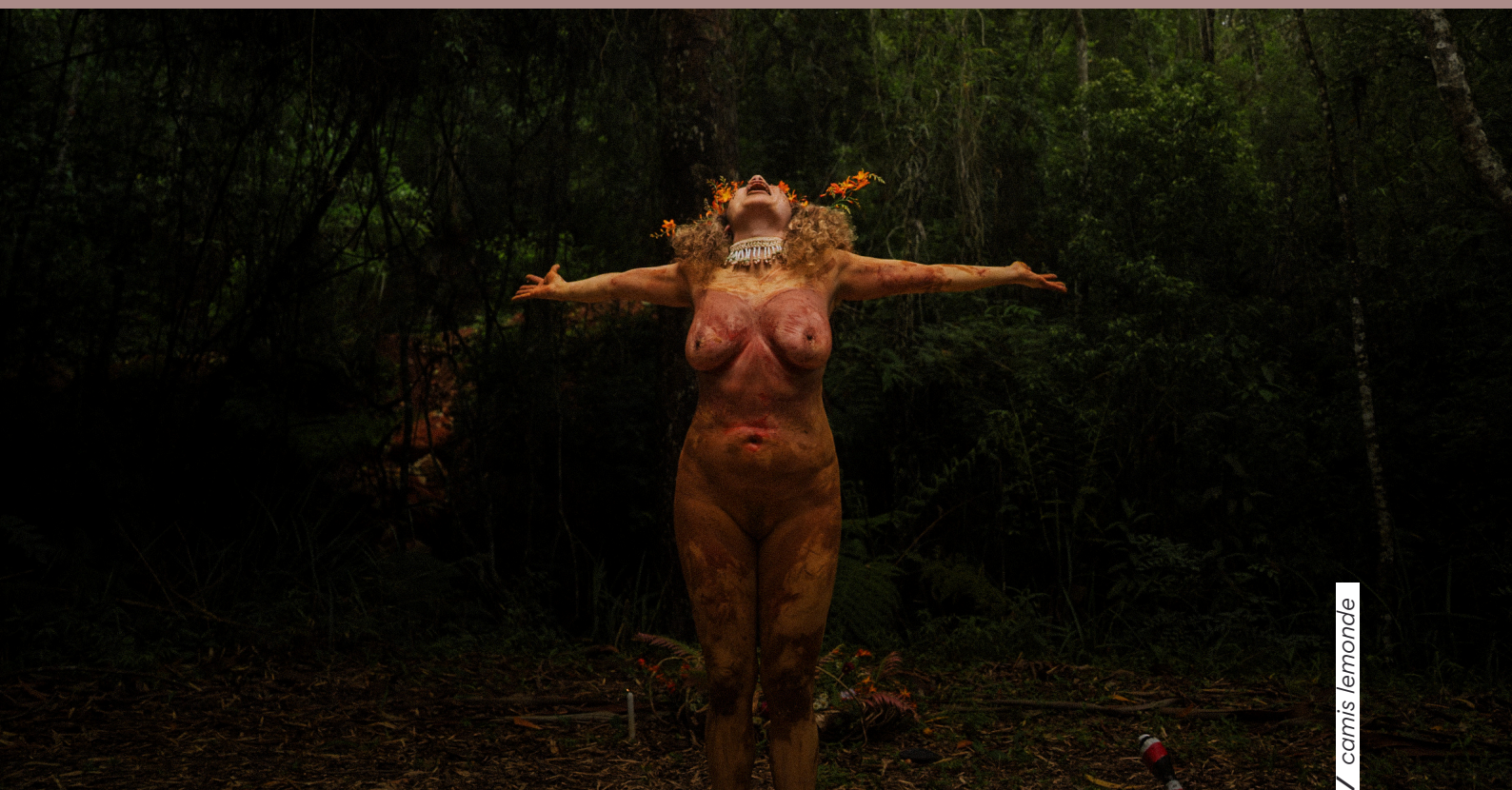


foto / camis lemonde

Antes mesmo da minha chegada em Terra Una, Lola Sol anunciou-se. Na lua cheia que antecedeu o novo ano de 2026, uma Preta Velha benzeu meu ventre ao redor da fogueira, e desde então, Lola Sol me moveu ao seu nascer. Já em Terra Una, o sentimento era de renascimento. Como se, enfim, Lola Sol tivesse encontrado um lugar seguro e pleno de arte para aterrar.

“Faça um ninho”, as montanhas mágicas sussurraram. Um ninho feito de cipós e galhos, pela natureza que sustenta raízes profundas. Tal como uma árvore, Lola Sol queria renascer para criar raízes e legitimar o lugar do encanto neste mundo. O encanto dos sonhos e do encontro com a arte.



O ninho simbolizando o útero, órgão feminino no qual habita o silêncio e as ideias novas, onde se forma o nosso sol e nosso coração e que embala uma nova vida durante a travessia do nascimento. No silêncio do ninho, Lola Sol aprendeu a escutar o som do corpo das pessoas, convidando-a ao despertar. Igualmente, o ninho representa o lugar da espiritualidade, do sensível e do criativo. É do ninho que se leva a magia para a vida.

O Foi através de um oráculo, que fui convidada a descortinar a sombra que eu não queria ver. Mais uma vez as montanhas mágicas me chamaram e, então, me levaram até a minha criança. A criança que comia terra e que tinha fome de mundo. Assim, a terra tornou-se um elemento essencial à materialidade de Lola Sol. Comer la tierra para volver a la Tierra. Lola Sol saiu do ninho e comeu a terra honrando a conexão do espiritual com o material, alimentando o lúdico e recebendo a permissão para ser e existir. É na terra que habita o selvagem, que o barro se molda, mas que também se finca raízes. A terra é a materialidade. Comer a terra como ato de tornar humano o espírito, de dar carne ao axé – o sopro da vida. A terra vem a alimentar o corpo que também é um espaço sagrado. A terra como ebó. E assim, na união do espírito (ninho) com a matéria (terra), consagrou-se o ato psicomágico de aterramento para o re-nascimento da Lola Sol.

[1] *Comer la tierra para volver a la Tierra*

[2] *Ninho:*

Cipós, caules, folhas e flores

Cobra Coral

Galho com tinta acrílica

[3] *Fotógrafa: Camis Lemonde*

Cinegrafista: Marianna Battistelli

Parceria: Evania de Paula

Figurino: Flores e tinta de terra

BRILHAR O VENTRE HÚMIDO

Maria de los Vientos

Brilhar o Ventre Húmido surge de uma prática oracular e da apropriação de gestos de atenção ao momento presente, desenvolvidos durante a residência artística em Terra Una. Palavras e partes do corpo são acionadas como dispositivos de revelação poética, nutrindo o campo de investigação-criação da artista, que mobiliza o corpo, as mitopoéticas e múltiplos meios expressivos, em um conjunto de experimentações voltadas a ativar estados de consciência que buscam expandir a percepção da nossa conexão com o Todo.

Durante a residência, Maria de los Vientos reuniu um inventário de formas cotidianas de cultivar a presença, compartilhadas pelos colegas: caminhar na floresta, observar o céu estrelado, repetir mantras, meditar ou acariciar cães. Entre esses gestos, duas ações tornaram-se centrais: a dança do quadril e a projeção da voz por meio de vogais em sequência aleatória. Da combinação desses elementos, a artista elaborou um ritual próprio.





foto / camis lemonde

Com terra das montanhas mágicas da Serra da Mantiqueira, ela preparou um pigmento que tingiu membranas translúcidas de algodão branco, suspensas no interior do ateliê e configuradas como um cubículo que evoca um ventre. Nesse espaço íntimo, entrou nua para dançar, vocalizar e lançar o pigmento sobre as superfícies, num gesto ritual de união entre três ventres: o da Terra, o da artista e o da mulher. Registrada em vídeo, a ação testemunha a transformação de um espaço inicialmente branco e silencioso em um campo gráfico e vibrante, marcado pelos rastros do corpo em movimento. A luz que atravessa as membranas revela um ambiente sensível onde misticismo, sensorialidade e intimidade se entrelaçam, fazendo do espaço um campo cósmico, tecido pela presença da artista e pela matéria da terra. No final da ação, os corpos trocam vestígios: María de los Vientos sai com a pele de terra, enquanto o espaço permanece impregnado pela sua passagem.



1. *Brilhar o Ventre Húmido*. 2. *Vídeo de ação ritual*.
Duração 33:51 minutos. Instalação de algodão
branco com pigmento de terra da Serra da
Mantiqueira. 130cm x 110cm x 210cm. 2026.

SENSAÇÃO DE ÓRGÃO

Maria Sanches



Cada retângulo representa uma pessoa presente no período da residência, 28, assim como os ciclos lunares e os ciclos menstruais, e todos podem se conectar, por serem soltos, eles se reconfiguram de acordo com cada montagem, uma obra viva.

A materialidade apresentada, linha sobre tecido, constitui apenas a dimensão visível de uma experiência que se inscreve no campo do invisível. Aqui, o invisível não é ausência, é na realidade, a radicalidade da presença, algo que se afere pelo sentir, pelo corpo, pelo que pulsa e pelo que dança. Sensação de órgão, algo que sinto por dentro.



Assim como as árvores se comunicam e vinculam pelas raízes por baixo da terra, a obra é a criação simbólica da possibilidade de uma realidade comunitária, relacional e integrada. O trabalho propõe então, tornar visível aquilo que pulsa entre o individual e o coletivo, entre o biológico e o poético, entre a ciência e a magia.

As linhas evocam sistemas orgânicos e naturais como raízes, galhos, rios, veias, rugas, brônquios, neurônios, configurando uma cartografia de ramificações que atravessam tanto a paisagem quanto nossos corpos. A trama torna-se gesto de continuidade, entrelaçando território e afetividade.

A obra também se ancora na minha própria linhagem pessoal, avó, mãe e tias, reconhecendo e honrando o bordado, o fiar e o costurar como práticas ancestrais de manutenção da vida. Desde suas origens, essas ações não apenas produzem matéria, mas sustentam realidades a partir do amor, do sonho e do cuidado.



1. *Brilhar o Ventre Húmido*. 2. *Vídeo de ação ritual*.
Duração 33:51 minutos. Instalação de algodão
branco com pigmento de terra da Serra da
Mantiqueira. 130cm x 110cm x 210cm. 2026.

QUARTO HORIZONTE

Mariana Battistelli

Horizonte é a linha onde terra ou mar parecem tocar o céu, limite do campo visual e, figurativamente, campo de possíveis. Cheguei à Terra UNA sem projeto definido, disposta a sustentar o tempo presente como prática e fabular uma existência que não separa arte e vida.

Nos primeiros dias, ajudei a limpar um ateliê de cerâmica atingido por um incêndio quatro anos antes. Os vestígios desse acontecimento tornaram-se um dispositivo de aproximação sensível com o território. No vale cercado por montanhas, cresceu em mim a urgência de encontrar um ponto de perder de vista.

Quarto horizonte. Site-specific. Wagi/Anil e cola sobre parede.



foto / camis lemonde

Caminhei até os lugares mais altos que consegui e registrei três linhas de horizonte. Reproduzi essas linhas na parede do ateliê utilizando anil. Mais que pigmento, o anil carrega historicamente a dimensão da limpeza e da proteção, associado a práticas de purificação e abertura de caminhos.

Ao traçar o horizonte dentro do espaço, interior e paisagem passam a se atravessar — aquilo que separa é também o que une. Limite e ligação, divisão entre céu e terra, entre o visível e o imaginado. Sobre um espaço marcado pelo fogo, a linha não restaura o passado: num gesto simbólico, reativa o presente e projeta futuros possíveis. O ateliê torna-se, assim, um quarto horizonte.

ECOS DE UM QUASE SONHO.

Marisa Fortunato



foto / camis lemonde

Partindo da paisagem e da dimensão espiritual da Serra da Mantiqueira, Marisa Fortunato adentra o território invisível onde natureza, memória e inconsciente se entrelaçam. As esculturas emergem como manifestações materiais de seres sonhados.

Animais, plantas e presenças híbridas parecem condensar a essência vital do lugar. A matéria torna-se, assim, veículo de uma ancestralidade latente, como se a própria paisagem da Mantiqueira se expressasse através das formas.



foto / camis lemonde

Entre o vestígio arqueológico e o objeto ritual, as esculturas assumem uma ambiguidade deliberada: evocam fragmentos de civilizações desconhecidas, relíquias de um tempo indeterminado ou artefactos de um mundo espiritual que insiste em permanecer.

Mais do que representar a natureza, "Ecos de um quase sonho" procura escutar os seus murmúrios profundos, tornando visível, ainda que provisoriamente, aquilo que habita o limiar entre sonho, matéria e espírito.

As obras realizadas na residência artística reúnem um conjunto de peças que cruzam escultura, desenho e instalação. Construídas sobretudo a partir de material natural encontramos peças de argila esculpida, restos de materiais de construção e elementos orgânicos recolhidos na floresta.



Texto: Daniel Cardeira

NEBULOSAS LIMIAR **Tauã Reis**



Quais os desejos a matéria tem?
Entro nas fibras do cipós,
mergulho em dobras de aço, sinto
a flexibilidade que acompanha o
ritual de criar, a transmutação da
gota de cera

Algo aqui! Danço com as rochas
de uma montanha que se
direcionam para o núcleo da terra.
As relações interespecies e as
zonas de equilíbrio são evocadas
nessa pesquisa-rito-trabalho-vida-
obra, na matéria, na materialidade,
e na junção do que são...
Nebulosas

Cozinhar, dobrar, amarrar, ritualizar
Mãos, pés, quadril
Doce, leve, curvo, denso
Dobrar, mãos, leve
Ver, útero, fluido

Se relacionar com a matéria é
escuta-lá? Transfigurar aqui se faz
caminho. E o Limiar...Temporal,
tátil, fronteiroço
Na opalescência do universo, há
Nebulosas Limiar
Na opacidade da matéria, há
Nebulosas Limiar.

[1] Nebulosas Limiar
[2] Três obras.
Técnica mista sobre cipós, aço,
ceras vegetais, penas e material
vegetal
Dimensões variáveis
[3] Créditos das fotos: Camis
Lemonde e Thaina Iná

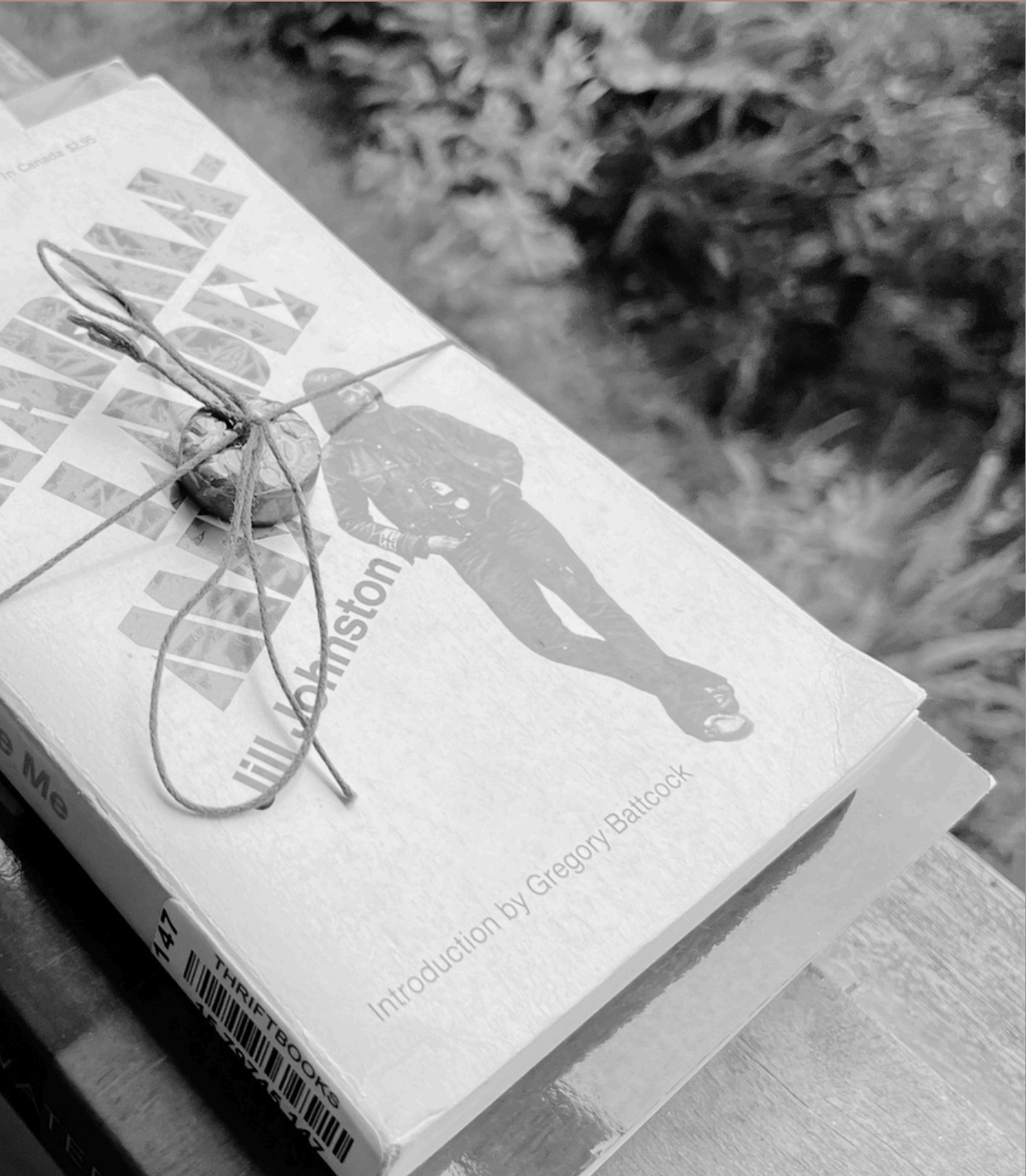


TWO BOOKS

Todd Lanier Lester

I went to the residency in order to learn about literary methodology in writing about recent experience. This involved reading two books: Samuel R. Delany's 'The Motion of Light in Water: Sex and science fiction writing in the East Village' and Jill Johnston's 'Marmalade Me'. The recent experience was revisiting a prior home, Cairo, Egypt. And meeting a long-time friend from Sudan, an important filmmaker in exile of the ongoing civil war. This magazine article is now in the editing process and will one day come to life, yet the juxtaposition of learning to write it was jarring.





MATERIA / SUBSTANCE

**Aline
Bernardi,
Allison
Moore e
Fernando
Godoy**



MATERIA / SUBSTANCE é um poema experimental, uma videodança filmada em timelapse na Serra da Mantiqueira, que realiza um estudo coreográfico de gestos motivados pelas poesias do livro *Matéria de Poesia* de Manoel de Barros. Durante o Programa de Residências Artísticas na Ecovila Terra Una, em 2012, conheci a artista canadense Allison Moore, que topou colaborar comigo e ao longo de 15 dias realizamos a obra utilizando fotografia timelapse e técnicas de animação.



MATERIA/SUBSTANCE

9'50". Vídeo Animação, 2012

roteiro e concepção: aline bernardi e alisson moore

direção, fotografia e edição: allison moore

performance, texto e

coreografia: aline bernardi

gravações de som feitas no: fernando godoy

edição de som: allison moore

agradecimentos: luis bernardo guzmin, domingos guimaraes e jairo dos santos

Todas as imagens foram criadas com sequências fotográficas, uma imagem por vez, com uma lente fixa [50 mm], em locações externas e com iluminação natural. O trabalho de coreografia foi sendo elaborado ao longo de caminhadas, escolhas de locações, contemplações, leituras de poesias, transduções gestuais entre a língua portuguesa e a francesa, muitas risadas e partilhas.

O artista chileno Fernando Godoy se somou na colaboração, e gravou a trilha sonora com captação local, incluindo micro-áudios de formigas em seu formigueiro gravados com microfones de contato. O filme brinca com a escala e a perspectiva do corpo em proporção à paisagem e como nossa percepção de distância e escala muda drasticamente em espaços rurais.

CARBONO

Mari Fraga



A chama é a parte visível da combustão, transmuta matéria em gases, fuligem e cinzas. A madeira da árvore, que demorou anos para crescer, é em pouco tempo convertida em luz e calor.

Formas sinuosas em rápido movimento – o fogo é sempre fogo, mas está continuamente a transmutar-se, muito mais veloz do que nossa capacidade perceptiva. É uma outra escala temporal que se pronuncia.

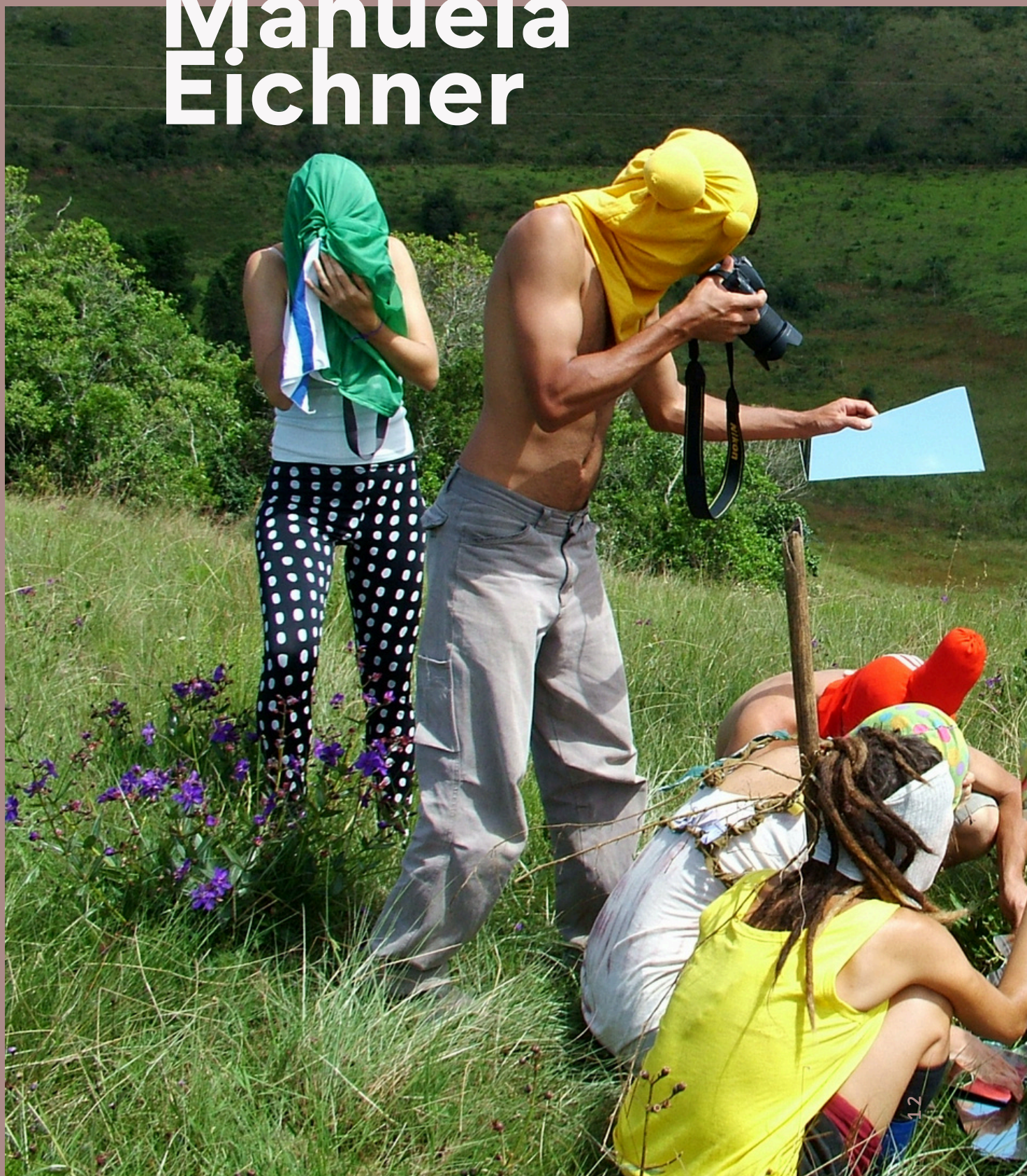


O queimar desta chama-ampulheta também lembra nossa fragilidade. O fogo é instrumento e ameaça, impõe reverência, traz o calor ancestral, vibra espiritualidade, chama rituais. A iminência de sua transformação veloz e violenta nos coloca em um lugar de controle ou de vulnerabilidade.

(Telas:)
Série Carbono
Tecidos com marcas de fogo,
fuligem e cinzas / 75 x 75cm
(Performance:)
Carbono (meia-vida), 2011
Vídeos e performance, 9'
Fotografia, performance e edição:
Mari Fraga.
Registro em vídeo da performance:
Pedro Urano.

UNANU

**Manuela
Eichner**



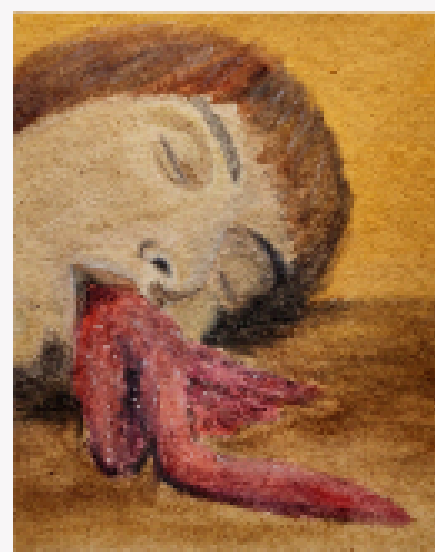
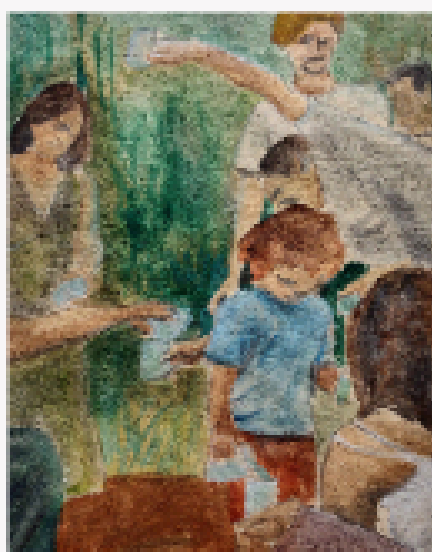
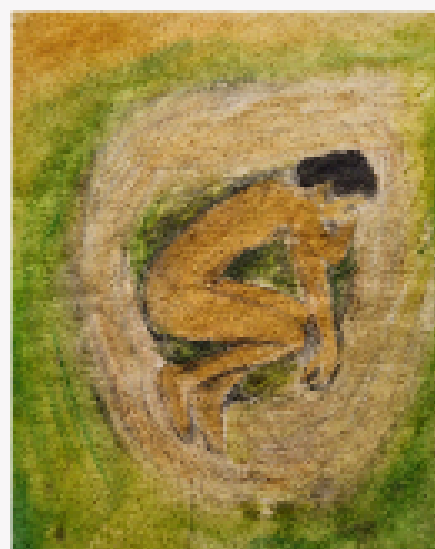
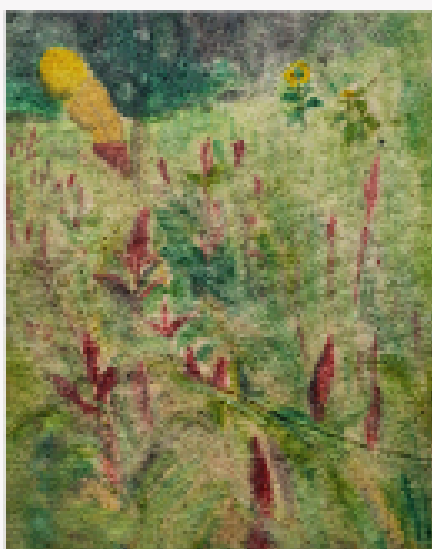


*UNANU, 2008.
Filme-experiência
realizada com os
artistas residentes de
Terra Una.*

Em UNANU, filme-experiência, utilizei espelhos para conceber um delicado e perturbador poema visual que joga com os limites da realidade, tendo como cenário a Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais. Planos multidirecionais que apresentam uma jornada do encontro humano com a natureza local através dos espelhos e da participação e olhar (filmagens) dos outros artistas em residência.

PINTURA DO DIA Nadam Guerra





Em 2019, eu decidi por 1 um ano solar e 13 luas pintar todos os dias como um ritual pessoal de contato ao mesmo tempo com o inconsciente e a matéria da pintura. Até 2020 fiz uma tela para cada lua (aproximadamente 28 ou 29 dias) que resultaram na mostra Pintura da Lua. Em 2021, modifiquei o ritual e passei a fazer uma pintura por dia.

A cada luação escolhia um desafio diferente. Na luação de libra, em outubro, resolvi pintar fotos dos meus arquivos em Terra UNA.

Muito do que sou como artista se deve à intensa relação com artistas que recebi e acompanhei no processo criativo em todos estes anos desde 2007. Tive vontade de rever esta história e fui escolhendo uma obra de cada um dos grupos das temporadas coletivas na ecovila. Cada uma das imagens é inspirada em um(a) artista diferente cobrindo quase todos os grupos de imersão em residência de 2007 a 2020.

*Série Pintura do Dia II - Terra UNA
Nadam Guerra, 2021
Pintura de terra e aquarela sobre linho
21 pinturas de 20x25cm*

COMO FOI A VIVÊNCIA ESSENCIA E FLUXO?

Entre 8 e 25 de janeiro de 2026, a Ecovila Terra UNA recebeu a residência artística Essência e Fluxo - Programa de Ativação da Trajetória Criativa, uma imersão voltada a artistas e pessoas criativas interessadas em aprofundar seus processos de criação a partir do encontro entre arte, natureza e autoconhecimento. Participantes de diferentes linguagens mergulharam em um ambiente que favorece a escuta interior, a experimentação e o desenvolvimento de projetos autorais. Cercada por floresta, rios e cachoeiras, Terra UNA ofereceu um contexto propício para desacelerar o ritmo cotidiano e acessar camadas mais intuitivas do processo criativo.

A residência foi facilitada pelo artista e pesquisador Nadam Guerra, que há anos investiga as relações entre imaginação, sonhos e criação artística. A programação combinou práticas de ateliê, acompanhamento curatorial, encontros individuais, dinâmicas coletivas, meditação e exercícios corporais, criando um espaço fértil para o desbloqueio criativo e o amadurecimento de pesquisas artísticas. Uma das ferramentas centrais da experiência foi o uso de oráculos e dispositivos simbólicos, como o "oráculo experimental" criado coletivamente com colagens pelos artistas para estimular a imaginação e acessar conteúdos do inconsciente. O cotidiano da residência integrou momentos de produção artística, trocas entre participantes e experiências de convivência na ecovila, reforçando a dimensão coletiva da criação. O contexto de detox digital, com acesso limitado à internet, contribuiu para aprofundar a concentração e a presença no processo. Apresentar os trabalhos nesta exposição amplia o diálogo com o público e finaliza o processo. Este catálogo virtual reúne e celebra as obras e processos que emergiram dessa experiência, evidenciando a potência de espaços de criação compartilhada onde arte, natureza e autoconhecimento caminham juntos.



fotos / camis lemonde



TERRA UNA 